

An artistic illustration of two young men in a romantic pose. The man on the left, with dark wavy hair and a light green t-shirt, has his hand gently cupping the face of the man on the right. The man on the right, with dark straight hair and a brown jacket over a white shirt, looks back at him with a soft smile. They are standing under a tree with vibrant autumn foliage in shades of orange, red, and yellow. Pink cherry blossoms are visible on the left side of the frame. The background is a warm gradient of orange and pink. The title 'OLÁ, FALA O OLIVER' is written in large, white, sans-serif capital letters across the center of the image.

OLÁ, FALA O OLIVER

DUSTIN THAO

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Perda e luto

Relações à distância

Traição

Violência



*Para Alex Aster e Chloe Gong, que apareceram no
restaurante errado e inspiraram esta história*



*A imaginação separa-nos do passado
tal como da realidade; encara o futuro.*

GASTON BACHELARD, *A Poética do Espaço*





Prólogo

Antes

Depois de tanto tempo, ainda penso nele.

Parece que foi ontem que ele esteve aqui. A luz do sol tremeluz por entre os ramos quando abro os olhos. Estou deitado na relva, com as mãos pousadas sobre o estômago. Algumas pétalas caem do céu enquanto viro a cabeça lentamente. O Sam está sentado a meu lado, com um caderno no colo. E, de repente, é outra vez a primavera do nono ano.

— Está a ser uma boa sesta? — pergunta ele.

Fecho os olhos novamente.

— Não estava a dormir.

— Oh, *a sério?*

— Estou só a descansar os olhos.

— Durante quarenta minutos? Bem, o ressonar foi um toque especial.

— *Quarenta minutos?* — Olho para ele, surpreendido. — Jesus, porque é que não me acordaste?

— Pensei que estavas *a descansar os olhos* — diz o Sam, com um ligeiro sorriso. Endireita-se, pousando o seu lápis na relva. — Juro que apenas perdi a noção do tempo. Tinha de acabar o meu desenho. — Uma brisa suave faz-se sentir, despenteando-lhe



suavemente o cabelo escuro. Eu podia ficar aqui o dia todo, a observá-lo. — E está a ficar mesmo bonito, ainda por cima.

— E o trabalho de matemática? — pergunto.

Ele faz uma careta.

— Esqueci-me completamente disso...

— Sam, é para entregar amanhã! De quem é que vou copiar?

— Não queres ver o meu desenho? — Olha-me de lado.

— Desenhei-te.

Semicerro os olhos.

— *Mostra-me...*

O Sam entrega-me o caderno. Há um esboço meu, deitado na relva com uma mão atrás da cabeça, rodeado de flores. Nunca ninguém me tinha desenhado antes.

— Não sou grande coisa com sombras — diz ele.

— Fizeste isto enquanto eu dormia?

— Podes dizer-me se o detestares.

— Quer dizer, não está *mau*. — Aponto para mim no desenho. — Mas erraste nos braços. Os meus músculos são muito mais definidos.

O Sam esfrega o queixo.

— Eu sabia que havia qualquer coisa de estranho...

Rimo-nos os dois. Devolvo-lhe o caderno.

— Gosto das flores que acrescentaste. São rosas, não são?

— Rosas brancas. São as minhas preferidas.

— As minhas também — digo.

Para ser honesto, antes não tinha uma flor favorita. Mas é assim que é agora.

— Sabes no que reparei? — pergunta Sam. — Os rapazes não recebem flores o suficiente.

— *Concordo*. A sociedade precisa de mudar.

O Sam sorri. Há um silêncio entre nós antes de ele continuar:

— Posso fazer-te uma pergunta?



— Força.

— Quem é o Zach?

O seu nome apanha-me de surpresa. Como é que ele sabe sobre o Zach?

O Sam espreita para o meu telemóvel, que está entre nós.

— Desculpa, reparei que ele te enviou mensagens algumas vezes.

— É um amigo — digo, de forma vaga.

— Como é que ainda não nos conhecemos?

— Ele vive lá para os lados de Redmond.

É outra pequena cidade no estado de Washington, mesmo ao lado de Seattle, a cerca de uma hora e meia de Ellensburg.

— Fixe. Há quanto tempo o conheces?

Passo a minha mão pela relva, não querendo responder.

— Não sei. Não há muito tempo.

Apenas temos conversado desde há umas semanas para cá. Ainda não o conheci pessoalmente. E estou demasiado envergonhado para mencionar isto. Especialmente porque ainda não me assumi na escola.

— Sabes que me podes contar tudo — afirma ele.

Hesito. Eu e o Sam somos amigos desde o sétimo ano. Sabemos praticamente tudo um sobre o outro. Mas há algumas coisas sobre as quais ainda não estou preparado para partilhar.

— Eu sei... — É tudo o que digo.

O Sam oferece-me outro sorriso. De seguida, encara o lago.

— A água parece estar boa hoje — começa, mudando de assunto. — Talvez devêssemos ir dar um mergulho.

Solto um resfolegar.

— E adiar os trabalhos de casa?

Ele deixa escapar um suspiro.

— Tens razão. Temos de ser responsáveis.

Ambos semicerramos os olhos, olhando um para o outro. Há um jogo que por vezes jogamos. Fico à espera que o sorriso

maroto surja no rosto do Sam e, nesse instante, pomo-nos de pé de um salto. Quando dou por mim, estamos a correr em direção ao cais, atirando as camisolas para trás. No segundo em que nos atiramos à água, tudo à nossa volta desaparece, à medida que a memória muda...



Sapatos de cerimónia ecoam no chão de mármore do átrio do hotel. Eu e o Sam estamos de pé à porta do salão de festas, de camisas abotoadas e laços ao pescoço. A música flui pelas portas duplas, enquanto o Sam espreita lá para dentro e pergunta:

— Tens a certeza de que isto é uma boa ideia?

— Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Sermos presos.

— *Por invadirmos um casamento?*

O Sam suspira.

— Não sei como me convences a fazer este tipo de coisas.

Estamos no outono do 10.º ano. O Sagamore é o melhor hotel em Ellensburg. Passámos por ele cem vezes e brincámos sobre, um dia, entrarmos às escondidas. Para ser totalmente sincero, nunca pensei que chegássemos mesmo a fazê-lo, mas cá estamos. Abraço o Sam pelos ombros e digo-lhe:

— Entramos, agarramos numa fatia de bolo e vamos embora. Talvez uma bebida ou duas. Ninguém alguma vez saberá que lá estivemos.

— Espero que haja cocktail de camarão.

— É esse o espírito.

Ajeitamos os colarinhos um do outro antes de entrarmos. Flores enchem a entrada à medida que avançamos pela multidão de convidados para o casamento. Sabemos que estas pessoas têm dinheiro, porque as esculturas de gelo são maiores do que nós os dois. Estendo a mão para tocar num dos cisnes de gelo.



O Sam dá-me um murro.

— *Para com isso.*

— Estava a verificar se era verdadeiro.

— É suposto sermos invisíveis, lembraste? — O Sam abana a cabeça para mim. Depois, passa os olhos pela divisão e diz: — Espera lá. Aquilo é uma cabine fotográfica?

— Uma *cabine fotográfica*?

Dirigimo-nos para lá de imediato. Depois de tirarmos várias fotografias, pegamos nas impressões e seguimos para o buffet para ir buscar comida. O rosto do Sam ilumina-se ao ver os morangos cobertos de chocolate. Põe dois no prato e diz:

— Está tudo com *tão bom* aspeto.

— Eu disse-te que esta era uma grande ideia.

— Consegues imaginar ter um casamento como este?

Encolho os ombros.

— É um bocado demais, na minha opinião.

— Mas queres casar, certo?

Penso sobre o assunto.

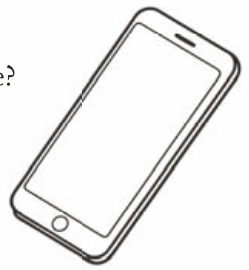
— Não sei. E tu queres?

— Claro que sim. Quer dizer, se conhecer a pessoa certa. — Os seus olhos passam pela sala, como se estivesse a imaginar o seu próprio casamento. — Embora não tenha de ser *assim tão extravagante*.

— Acho que os casamentos são uma boa forma de recebermos flores — respondo.

— É verdade. — O Sam sorri, voltando-se para a sobremesa.

Gostava de poder dizer-lhe quão bonito ele está esta noite. Como a luz que nos envolve realça o castanho-escuro dos seus olhos. Encontramos uma mesa e desfrutamos a nossa comida. De seguida, vagueamos em direção à pista de dança para vermos a banda. Enquanto aproveitamos a música, um homem alto aproxima-se de nós.



— Desculpem — diz ele. — Acho que nunca vos vi antes, rapazes.

Eu e o Sam trocamos um olhar nervoso. Antes de um de nós conseguir falar, o tipo que está atrás dele com uma câmara diz:

— Querem deixar uma mensagem aos noivos?

Somos apanhados de surpresa, ainda a olhar um para outro. O Sam dá-me uma cotovelada.

— Uh... *claro que sim* — começo. Coloco o meu braço em torno do Sam e sorrio para a câmara. — Obrigado por partilharem esta noite tão *bonita* connosco. Acho que posso falar por todos quando digo que vocês foram realmente feitos um para o outro. Ver-vos a apaixonarem-se ao longo dos anos foi uma dádiva para todos nós. Por isso parabéns... uh... — Congelo, apercebendo-me de que não sei os nomes deles.

— *Aos passarinhos!* — intervém o Sam para me salvar.

— Para, estou a ficar emocionado — acrescento, abanado a mão em frente aos olhos.

No instante em que o homem nos volta as costas, o Sam agarra-me no braço. Estou-me a rir enquanto ele me puxa para um canto, de repente parecendo preocupado.

— Oliver, acho que está na altura de irmos embora.

— Mas eles ainda nem cortaram o bolo!

— Não quero que sejamos apanhados.

— Relaxa, ainda ninguém notou.

— Já ficámos tempo suficiente — diz, a voz firme. — Vou buscar o meu casaco e encontramo-nos à porta.

— *Boo.*

Ele afasta-se antes que eu o consiga impedir. A música também estava a começar a ficar boa. Enquanto ali estou parado, ainda sem estar preparado para ir embora, tenho uma ideia. Dirijo-me à banda e faço um pedido. Felizmente, o guitarrista conhece a música. Ao esperar que eles a toquem, o Sam regressa à pista de dança e pergunta:



— Porque estás a demorar tanto? Era suposto encontrares-te comigo junto à porta.

— E que tal mais uma música?! — insisto.

— *Tu* podes ficar para mais uma música. Eu vou esperar no carro.

— *Vá lá, Sammy.* — Agarro-lhe no braço.

Ele empurra-me para longe.

— Vou estar lá fora.

Fico ali parado enquanto o Sam começa a afastar-se novamente. Depois, como se tivesse sido combinado, ouve-se uma introdução de bateria familiar. Ele para, reconhecendo a batida imediatamente. Há apenas uma música capaz de o fazer ficar: «Escape», de Rupert Holmes — mais conhecida como *The Piña Colada Song*. É, sem qualquer ironia, uma das favoritas do Sam de todos os tempos. Já me obrigou a ouvi-la milhares de vezes no carro. Há uns anos, coreografámos uma dança para esta música, para o aniversário de casamento dos pais dele.

O Sam volta-se, devagar, semicerrando os olhos para mim. Sorrio enquanto avanço na sua direção, rodando os ombros ao ritmo da música. Eventualmente, o Sam bate com o pé, como se a música estivesse a tomar conta dos seus movimentos. No instante em que chega o refrão, rende-se finalmente, dançando comigo. Para minha surpresa, recordamo-nos dos passos de dança quase na perfeição. Adoro vê-lo assim: a cantar as palavras, como se não estivesse ninguém por perto a observar-nos.

A máquina de fumo liga-se, cobrindo o chão com uma névoa espessa. O Sam desliza na sua direção, obrigando-me a ir atrás dele. A música vai esvanecendo à medida que desaparecemos no meio do nevoeiro, e a memória muda mais uma vez...



O nevoeiro torna-se neblina, enquanto saio do autocarro da cidade. São 19h30 de um sábado à noite. O Zach mora a uma hora

e meia de Ellensburg. Vamos finalmente encontrar-nos após três meses a trocar mensagens. Nunca fui a um encontro antes. Escolhi um restaurante de comida mediterrânea, porque ele o mencionou quando falámos ao telemóvel. Escolho uma mesa e espero que ele chegue.

O Zach está um pouco atrasado. Envio-lhe outra mensagem.

Oi já cheguei

Estou numa mesa ao fundo à esquerda

Espero que chegue em breve. Eventualmente, a empregada de mesa vem para que eu faça o pedido.

— Ainda estou à espera do meu amigo — digo.

Mas passam-se vinte minutos. Porque é que ele ainda não respondeu à minha mensagem? Estou constantemente a olhar pela janela, na esperança de o ver lá fora. A empregada de mesa torna a aparecer.

— Desculpe, ele chegará em breve.

— Tudo bem, querido, mas estamos com uma longa lista de espera esta noite.

Verifico o telemóvel de poucos em poucos minutos. Espero que esteja tudo bem. Passados mais vinte minutos, sou obrigado a desistir da mesa e a esperar lá fora. Está a começar a chover um pouco. Estou no passeio, a tentar que o meu cabelo não fique molhado.

Então, o meu telemóvel vibra. Uma mensagem do Zach. Finalmente.

Desculpa. Já não consigo ir



Por um segundo, acho que ele está a gozar.

Como assim? Passou-se alguma coisa?

Não estou preparado para isto.

Devia ter-te dito mais cedo

Mas pediste-me para vir até aqui

Eu sei, desculpa. Só não me parece certo

Não sei o que lhe responder. Planeámos tudo juntos.

Marcamos para outro dia?

A mensagem não é enviada. A princípio, acho que é devido à rede do meu telemóvel. De seguida, verifico a aplicação e vejo que o seu perfil desapareceu. Procuo pelas nossas mensagens antigas, mas desapareceram todas. Isto deve ter sido um acidente, certo? Como vou contactá-lo de novo? De súbito, começa a chover mais. O próximo autocarro para casa só aparece daqui a algumas horas. Não esperava passá-las sozinho. Envio outra mensagem e procuro por um banco para me sentar.

Não sei quanto tempo passa. Mas, a certo momento, alguém aparece ao meu lado, erguendo um guarda-chuva por cima da minha cabeça. Nem sequer tenho de olhar para cima para saber quem é.

— O que estás aqui a fazer à chuva?

O Sam mantém o guarda-chuva firme enquanto eu levanto a cabeça. Deve ter saído do treino de futebol mais cedo para vir à minha procura.

— Tu sabes... apenas queria apanhar ar — respondo.

— Em Redmond?

Talvez devesse apenas contar a verdade. Afinal de contas, ele veio até aqui. Deixo escapar um suspiro e digo:

— Era suposto ter-me encontrado com o Zach pela primeira vez. Mas ele não apareceu.

— Ele sabia que vinhas?

— Andávamos a planear isto há algum tempo. — Aponto para o restaurante ao fundo da rua. — Eu disse-lhe que não me importava de apanhar o autocarro até aqui. Acho que foi uma perda de tempo.

O Sam resfolega.

— Lamento.

Encolho os ombros.

— Não faz mal. Quer dizer, podia ter sido pior, certo?

— Eras demasiado bom para ele, de qualquer maneira.

— És o meu melhor amigo. É tua obrigação dizeres isso.

— Estou a falar a sério — afirma ele. — Mereces melhor do que isto, okay? Mereces alguém que te ofereça flores.

Se ao menos essa pessoa pudesses ser tu.

É claro que mantenho este pensamento para mim mesmo à medida que me levanto do banco e pouso a cabeça no seu ombro.

— Obrigado por estares aqui para mim. Vamos para casa.

— Mas já aqui estamos — comenta o Sam, a sorrir. Ele olha para o restaurante, depois, de novo para mim. — O restaurante ainda deve estar aberto, se quiseres ir.

— Eu *não* vou voltar lá para dentro.

O Sam ri-se.

— Então, vamos buscar pizza.



Ele põe o braço à minha volta, guiando-nos pelo passeio. Há um sítio mesmo do outro lado da estrada. O Sam abre a porta, deixando que eu entre primeiro. Enquanto entro, a recordação muda novamente, puxando-me para outro lugar...



A luz do sol invade o café à medida que entro. Estamos a meio da tarde e o estabelecimento está lotado. O Sam está atrás do balcão, a atender um cliente na caixa. É a sua primeira semana aqui a trabalhar. Decidi passar por cá e fazer-lhe uma surpresa. Talvez conseguir uma bebida grátis, já que aqui estou.

— Desculpe. — Tusso, tornando a minha voz mais grave. — Estou curioso, qual é a diferença entre um latte e um cappuccino? E os muffins, são *frescos*?

— Antes de mais, são *scones* — responde o Sam. — E desde quando é que bebes café?

Ergo uma mão.

— Ora, não são modos de se falar com um cliente que paga por um serviço — digo-lhe, fingindo parecer ofendido. — Passo falar com o seu gerente?

— Sai.

Ambos nos rimos enquanto me encosto ao balcão.

— Muito bem, Squidward. Como está a correr a tua primeira semana?

— Estou a apanhar o jeito — responde ele, atirando um pano de cozinha por cima do ombro. — Devias ter cá estado na hora de ponta. Tive duas mulheres a gritar comigo. — Ele volta-se, agarrando em algo atrás dele.

— Espero que estejas a tirar proveito das bebidas grátis.

— Por acaso estou a fazer uma agora.

O Sam pousa uma chávena fumegante no balcão. A espuma está polvilhada com açúcar.



— Parece chique — elogio.

— É um latte de mel e lavanda. Mas não é para mim. — Por um segundo, penso que pode ser para mim. Depois, o Sam gesticula para a mesa ao fundo. — É para a rapariga que está atrás de ti.

— Oh.

— Ela fez este pedido da última vez que aqui veio. Chama-se Julie.

Estudo-a, tentando que não pareça óbvio que estou a olhar para ela. Uma rapariga com cabelo castanho sem brilho está sentada numa mesa, sozinha, a escrever no seu caderno. Nunca a tinha visto por aqui antes.

— Estou meio nervoso por lho entregar — confessa o Sam.

— Vocês já conversaram?

— Não exatamente — diz o Sam. — Ela também frequenta uma das minhas aulas. Acho que se mudou para cá há uns meses. Achas que lhe deva dar a bebida? Ou seria esquisito? Talvez não deva. A não ser que aches ser uma boa ideia.

O meu primeiro impulso é dizer-lhe que não. Mas parece que ele quer mesmo fazê-lo. Deve mesmo gostar dela, então. Nunca quererá meter-me no meio disso.

— Vai com tudo. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Ela pode pensar que sou esquisito.

— Tu és um bocadinho esquisito — digo. — Mas talvez ela goste de esquisito.

— Okay, tens razão. — O Sam inspira fundo e, depois, expira. — Vou fazê-lo. — Depois, pega na bebida e sai de trás do balcão.

Observo-o a aproximar-se da mesa, a pousar o copo à frente dela. Estou demasiado longe para conseguir ouvir o que ele está a dizer, mas consigo perceber que está a correr bem quando ela sorri. A certo momento, o Sam puxa uma cadeira e senta-se a seu lado. Esperava que ele também preparasse uma bebida para mim. No entanto, não quero interromper a conversa deles.



Espero mais um momento antes de sair. De qualquer maneira, é provável que ele se tenha esquecido de que eu ali estava.



A recordação volta a mudar. A música ecoa pelas paredes enquanto eu saio da cabine da casa de banho. É o baile do 10.º ano. Tenho vestida uma camisa preta com botões e o meu cabelo está ligeiramente húmido devido à chuva. Estou a lavar as mãos quando a porta se abre e o Sam entra à minha procura.

— Oliver! Aqui estás tu. — Dirige-me um sorriso largo. — Quando vieste para aqui?

— Apenas há um segundo. Tinha de me secar um pouco.

Fecho a torneira e vou buscar uma toalha de papel. O Sam aproxima-se, a observar-me através do espelho da casa de banho.

— Passa-se alguma coisa?

— Não, estou bem.

— Tens a certeza?

Tento escondê-lo com um sorriso. Mas o Sam sabe sempre quando alguma coisa me está a incomodar.

— Não é nada de especial — asseguro-lhe. — O meu padras-to estava a ser chato em relação à carrinha dele outra vez. Foi por isso que tive de vir de bicicleta.

É claro que há mais nesta história. Não me apetece falar sobre isso agora.

— Devias ter-me contado. Podia ter-te ido buscar.

Desvalorizo com um aceno.

— Não te preocupes com isso. O meu cabelo fica bem molhado.

— Fico feliz por teres vindo — sussurra ele, apertando-me os ombros. — Na verdade, quero dar-te uma coisa. — Ele tem uma rosa branca pregada na camisa. Observo-o enquanto a tira cuidadosamente e a prega no meu peito. — Aqui tens.



— Estás a dar-me isto?

— Pensei que ficava melhor em ti.

Não consigo exatamente dizer o que isto significa. É a primeira flor que alguém alguma vez me deu.

— Obrigado — respondo.

O Sam sorri.

— Fico feliz por gostares. Agora vamos voltar lá para fora.

Luzes rodopiam pelo ginásio enquanto nos encaminhamos para a pista de dança. Toda a gente se juntou perto do DJ, a dançar ao som de The Weekend. Nenhum de nós veio com par esta noite. Assim, quando a música fica mais lenta, ambos ficamos ali espicados, a acenar a cabeça ao ritmo da música. Ele está perfeito com o cabelo penteado para o lado. Num mundo alternativo, convidá-lo-ia para dançar comigo. Uma parte de mim questiona-se se ele aceitaria.

A nossa amiga Sarah aparece, dando-me uma palmadinha no ombro.

— Olá, Oliver. Queres de dançar?

— Definitivamente.

Pomos os braços à volta um do outro, balançando ao som da música. Espreito de lado e vejo a nossa outra amiga, a Taylor, a convidar o Sam para dançar também. Elas costumam juntar-se a nós, especialmente nos trabalhos de grupo nas aulas de Inglês. Dançamos durante algumas músicas. Depois, eu e a Sarah decidimos subir para o andar de cima e ir buscar algo para beber. Quando voltamos à pista de dança, o Sam já não está. Pergunto a algumas pessoas se o viram sair.

— *Acho que foi lá para fora* — diz alguém.

— Ele disse porquê? — pergunto.

Mas ninguém sabe responder. Talvez ele só precisasse de apertar ar. Saio do ginásio e sigo pelo corredor. Quando empurro a porta para a abrir, encontro-o imediatamente. O Sam está



no parque de estacionamento, a dançar lentamente com a Julie. O meu coração afunda-se enquanto fico ali, a observá-los. Nem sequer sabia que ela vinha esta noite. Ele segura-lhe a mão enquanto ela encosta a cabeça no peito dele.

Gostava de não o ter ido procurar desta vez. Toco na rosa que trago presa à camisa, certificando-me de que ainda lá está, e volto a entrar. Tudo à minha volta começa a esbater-se, e a memória muda mais uma vez.



Ponho a minha máscara preta de estilo dominó antes de entrar na festa. É o Halloween do 11.º ano, e o tema é «duplas dinâmicas». Eu e o Sam ponderámos várias ideias, mas no fim decidimos vir de Batman e Robin. Disse a Sam que não me importava de ser o Robin. No fundo, até prefiro a capa dourada. Além disso, já me disseram que o verde é a minha cor.

Encontro o Sam na cozinha, à conversa com a Taylor e a Sarah. Estão sentadas no balcão, vestidas de Velma e Daphne. O Sam atira-me uma lata de refrigerante quando me aproximo.

— *Batman e Robin?* — comenta a Taylor. — Que originais, rapazes...

Levanto uma sobrancelha e olho-a de cima a baixo.

— *Daphne e Velma?* Ao menos nós não somos ofuscados por um cão.

— E o cabelo da Daphne não é ruivo? — pergunta o Sam.

A Taylor revira os olhos, atirando o cabelo loiro por cima do ombro.

— Não vou pintar o cabelo só por causa de uma festa.

— Então mais vale seres o *Fred* — respondo-lhe.

Todos se riem.

— Onde está a Julie, já agora? — pergunta a Sarah.

— Foi visitar o pai a Seattle — responde o Sam.



As pessoas começam a deslocar-se para a sala, onde estão a montar um jogo de beer pong. Eu e o Sam seguimos para lá para ver, mas o meu telemóvel vibra. Recebi uma longa mensagem da minha mãe. Paro por um instante para a ler. Infelizmente, há qualquer coisa a acontecer em casa. Tive um mau pressentimento quando saí. Tem havido alguns problemas com o meu padrasto ultimamente. Tinha esperança de que as coisas melhorassem. Respondo à mensagem, dizendo-lhe que já estou a caminho. Depois, volto-me para o Sam.

— Importas-te que leve o teu carro emprestado?

— Para quê? — pergunta ele.

— Tenho de ir a casa por uns minutos.

— Aconteceu alguma coisa?

Não me apetece mesmo falar sobre isso, mas o Sam já sabe o suficiente da situação para perceber o que se passa.

— Só preciso de ir a casa num instante — digo.

— Okay, eu vou contigo.

— Não precisas de...

— Não, eu vou contigo — insiste ele.

O Sam tira as chaves do bolso. De seguida, saímos e entramos no carro. Atiro a capa para o banco de trás enquanto ele liga o motor. Felizmente, não é uma viagem longa até minha casa. Estou nervoso quando paramos na entrada. A carrinha do meu padrasto está na garagem, o que significa que ele ainda está em casa. Digo ao Sam para esperar no carro, mas ele segue-me na mesma.

— A sério, fica aqui.

— Eu vou entrar contigo — continua ele a insistir.

Respiro fundo e abro a porta da frente. Há algumas roupas espalhadas, mas nada muito fora do normal. Depois, reparo num prato partido no chão.

— Mãe? Estás em casa?



Há um silêncio antes de a porta do quarto deles se abrir. A minha mãe sai, com uma mala pequena na mão. O meu padrasto grita qualquer coisa lá de dentro.

— O que se passa? — pergunto.

A mãe abana a cabeça e sussurra:

— Não é nada, Oliver. — Pousa a mala em cima da mesa e mete a carteira lá dentro.

— Então porque é que ele está a gritar?

— Por favor, ignora-o, está bem? Ajuda-me só a ir buscar as minhas coisas.

É aí que percebo o que está a acontecer. Devem ter discutido outra vez. Troco um olhar com o Sam. Parte de mim está aliviada por ele estar aqui agora.

— Não te preocupes, vamos ajudar-te a fazer as malas — digo.

Acompanho-a até ao quarto, onde o meu padrasto está sentado na cama a ver televisão. Vira a cabeça na nossa direção, com a ventoinha do teto a rodar por cima dele. Raramente entro no quarto deles quando ele está cá.

— Não se bate à porta? — rosna ele.

Não digo nada. A mãe também não, enquanto atravessa o quarto e tira outra mala do roupeiro.

— Onde é que pensas que vais com isso? — pergunta ele.

Ela ignora-o, tirando algumas roupas da cómoda.

— É melhor responderes-me. Estou a falar contigo.

Detesto o som da voz dele. E a forma como se dirige a ela. Não sei qual foi o motivo da discussão, mas, neste momento, isso já não interessa. Quando ele se levanta da cama, o meu estômago dá um nó. Ele não é um tipo propriamente grande, por isso usa a voz para encher o espaço.

— Responde-me quando te faço uma pergunta.

— *Não fales assim com ela.*

É a primeira vez que me passo com ele.



— *Oliver* — sussurra a mãe, a tentar acalmar-me.

— Tens de ficar de olho nesse miúdo. E tu não vais a lado nenhum. — No instante em que ele agarra na mala dela, algo toma conta de mim. Avanço e empurro-o para longe dela. Um candeeiro cai quando ele tropeça no chão. Ele olha para mim, chocado.

Quando se começa a levantar, o Sam coloca-se entre nós, pou-sando as mãos nos meus ombros.

— Vamos ajudar a tua mãe a ir buscar as coisas dela — diz ele, calmamente.

Mas o meu padrasto está longe de estar calmo. Agarra no can-deeiro e atira-o contra o espelho, estilhaçando o vidro.

Sinto o meu sangue a ferver. Grito-lhe:

— Achas que tenho medo de ti?

— Porque é que não te pões fora da minha casa? — grita ele de volta.

— Com todo o gosto! Nunca quis viver aqui.

— E leva a tua mãe contigo. Não te incomodes em voltar. — Volta-se para ela. — Estás a ver o que fizeste? Tudo porque estás sempre a passar à frente da televisão e a tapar o jogo.

É aí que tudo faz sentido.

— É por causa disso? Da porcaria da televisão outra vez?

Não é a primeira vez que grita com ela por lhe tapar a vista ou mudar de canal sem querer. Certa vez, ele até lhe atirou um pra-to de comida. A minha mãe negou, mas, do meu quarto, eu ouvi o prato estilhaçar-se na parede.

— Vê lá com quem estás a falar — diz ele, furioso.

— *Estou a falar com um idiota, é o que é.*

— Sai já da minha casa, põe-te a andar!

O Sam mantém-se entre nós, a garantir que nada acontece. Entretanto, a minha mãe termina de arrumar as coisas e puxa os fechos das malas.



— Por favor, vamos embora, rapazes — diz ela. O Sam pega numa das malas e leva-a até à porta.

— Espero que gostes de dormir na rua — cospe ele para ela. Cerro o punho e volto-me para o Sam.

— Leva a minha mãe para o carro — sussurro.

— Oliver...

— *Faz lá isso.*

O Sam pressiona os lábios. Então, leva-a para fora do quarto. Provavelmente vou arrepender-me disto mais tarde. Mas a raiva que acumulei nos últimos quatro anos rompe como uma barreira. Agarro no taco de golfe que ele guarda atrás da cómoda e esmago o ecrã da televisão. Depois, atiro-o ao chão.

— *Pronto. Problema resolvido.*

O rosto dele fica vermelho de raiva enquanto começa a gritar comigo. Mas saio do quarto rapidamente, antes que as coisas piorem. Oiço o Sam a chamar por mim lá fora. Ao atravessar a porta da frente, o ar fresco da noite envolve-me, e a memória muda uma última vez...



Tudo fica escuro por um momento. Depois, pontinhos de luz iluminam o céu noturno enquanto uma fogueira ganha vida atrás de mim. É a última noite da semana de finalistas. Estou de pé à beira do penhasco, a observar as montanhas. Quando viro a cabeça, o Sam está mesmo ao meu lado. Ficamos a olhar um para o outro por um instante. Os outros estão a beber e a rir ao fundo.

— Estás estranhamente calado esta noite — diz ele.

Encolho os ombros.

— Conheces-me bem... Estou só a pensar.

— Em quê?

— No universo. No sentido da vida. Em como provavelmente nunca mais vamos fazer isto outra vez. — Enfio as mãos nos bolsos e suspiro. — Sabes, visto que me vais deixar.



— Não sejas tão dramático. Vou estar só a algumas horas daqui.

— Mais valia estares noutro país.

O Sam vai mudar-se para Portland, Oregon, com a Julie, para a universidade. Eles estão juntos há quase três anos. Juro que parecia que tinha sido ontem que os vi a dançar juntos no parque de estacionamento.

— Sabes que vou andar sempre a visitar-te — garante ele. — E ainda temos todo o verão pela frente. Podemos fazer uma viagem. Só eu e tu.

Olho para ele.

— Prometes?

O Sam sorri.

— Para onde quiseses ir.

Só este mero pensamento faz-me sentir melhor. Nós dois a viajar para algum lugar do mundo. As coisas não têm sido as mesmas desde que ele começou a namorar coma Julie. Ela está a passar a semana em Seattle, a visitar o pai outra vez. Fiquei até um pouco aliviado quando ele me disse que ela não podia vir esta noite. Tenho pensado em finalmente contar-lhe como me sinto. Já imaginei este momento milhares de vezes antes, mas, por alguma razão, ainda não encontrei as palavras certas.

O Sam olha para a fogueira por um instante. Tenho a certeza de que quer voltar para junto dos outros em breve. Acho que devia fazer isto agora. Não falta muito tempo até à formatura. Quem sabe se terei outra oportunidade até lá. Respiro fundo e digo:

— Sam... há uma coisa que tenho vindo a querer dizer-te.

— O que é? — pergunta ele.

— Não sei bem como dizê-lo. Porque não quero que nada mude entre nós... — A voz falha-me.

— Diz lá — insiste o Sam.



— Está bem, o que eu quero dizer é que...

Mas o telemóvel do Sam toca. Ele olha para o ecrã e diz:

— Oh, meu Deus.

— O que se passa? — pergunto.

— Tenho dez chamadas não atendidas da Julie — diz ele, ofegante. — Devia ter ido buscá-la há mais de uma hora! Acho que ela está a ir sozinha para casa agora. — Tenta ligar-lhe de volta, mas vai parar ao voicemail. — Ela vai odiar-me por causa disto. Tenho de ir... — Guarda o telemóvel e começa a afastar-se. Depois, volta-se para mim. — Espera, ias dizer-me alguma coisa?

O momento desapareceu. Apenas lhe sorrio e digo:

— Não te preocupes. Conto-te noutra altura.

— Peço mesmo desculpa por isto. Mando-te uma mensagem quando chegar a casa, okay?

— Não vais voltar?

O Sam franze a testa.

— Provavelmente não. É a mais de uma hora daqui e ainda tenho de deixar a Julie em casa.

— Isso é uma porcaria.

— Eu sei. Mas saímos este fim-de-semana, prometo.

Enquanto nos despedimos com um abraço, sinto uma coisa estranha no peito. Não sei bem como o explicar. Mas isto dá-me vontade de o abraçar mais um pouco. Este sentimento fica comigo enquanto o vejo afastar-se.

Eu não sabia que aquela seria a última vez que o veria. Que não haveria um depois para nós. Que eu esperaria a noite toda por uma mensagem que nunca viria. *Que o tinha perdido. E eu nem sequer sabia.*



6 DE MARÇO, 23h45

Já faz quase um ano sem ti

Ainda não consigo acreditar que desapareceste





capítulo um

Uma flor de cerejeira de papel cai da prateleira, pousando suavemente no tapete. Vejo a Julie inclinar-se para a apanhar. Examina cada dobra antes de a colocar na secretária. Depois, levanta uma caixa de mudanças do chão e diz:

— Podes pegar na outra, Oliver?

Cruzo os braços.

— Não sei porque estás a empacotar tanta coisa.

— Quatro meses é muito tempo.

— Precisamente por isso é que não devias ir.

A Julie solta um suspiro.

— Podias ao menos fingir que estás entusiasmado por mim.

É o nosso último dia antes de ela partir para Copenhaga. Vai fazer um programa de intercâmbio, abandonando-me durante os próximos quatro meses. Estamos no segundo semestre do primeiro ano. Eu e a Julie estudamos na Universidade Central de Washington. A quem é que vou bater à porta quando ficar trancado fora do dormitório às duas da manhã? Quem é que vou convencer a faltar às aulas comigo para ir buscar bagels grátis ao quarto andar da biblioteca?

A Julie ergue uma vela.



— Queres isto?

— Não posso — resmungo. — O meu novo colega de quarto diz que odeia cheiros «femininos».

O Ethan é aquele típico jogador de basebol hétero com quem não tenho nada em comum. Mas também não é o pior tipo do mundo.

— Não sei como é que vais aguentar isso.

— Ao menos ele não dormiu com o meu ex — recordo-lhe.

— Pensei que tínhamos combinado não voltar a mencionar o Nolan. — Lança-me um dos seus olhares. — É bom que não lhe mandes mensagens enquanto eu estiver fora.

Devolvo-lhe o olhar.

— E o que é que eu teria para lhe dizer depois do que ele me fez? Que o perdoo por me ter traído *com o meu colega de quarto*?

A Julie suspira.

— Pensei que já estavas a recuperar disto, Oliver.

Olho pela janela.

— Hei de recuperar quando estiver pronto.

Nolan também é aluno na UCW. Conheci-o umas semanas depois da formatura do secundário, quando ele foi o guia do nosso grupo na visita ao campus. Achei que tivesse sido obra do destino quando acabámos sentados lado a lado na mesma aula de Ciências da Computação que experimentei no meu primeiro trimestre. Acabei por desistir da cadeira, mas ele convidou-me para a minha primeira festa universitária. Resumidamente, foi o meu primeiro namorado. Passávamos todos os dias juntos. Éramos praticamente inseparáveis. Foram cinco meses incríveis, até ele começar a andar enrolado com o Connor, o meu antigo colega de quarto. Já não falo com nenhum dos dois. Essa é mais uma razão para estar triste com a partida da Julie. É das poucas pessoas que ainda tenho.

Enquanto a Julie arruma alguns livros, vou até à sua secretária e começo a remexer numa das caixas. Tiro uma moldura e volto



a pendurá-la na parede. De seguida, pego numa pilha de livros e coloco-os novamente na estante.

A Julie vira-se, reparando em mim.

— Oliver, para com isso. — Tira-me os livros das mãos e volta a colocá-los dentro da caixa. — Eu não te convidei para vires cá desempacotar as minhas coisas.

Baixo a cabeça.

— Mas eu não quero que vás.

— Não vou desaparecer para sempre. Vamos continuar a falar todos os dias.

— Mas não vai ser o mesmo. És a única amiga que me resta.

— És tão dramático — diz ela, abanando a cabeça. — Toda a gente gosta de ti. Só precisas de algum tempo para te adaptares.

Enquanto afasta a caixa de mim, algo cai ao chão.

Abaixo-me para a apanhar.

É uma palheta de guitarra.

Não preciso de perguntar onde é que ela arranjou isto. Consigo ouvir os dedos dele a deslizarem pelas cordas. Viro a palheta nas mãos, vendo a luz refletir-se no plástico.

— Podes ficar com ela, se quiseres — oferece a Julie.

Não tinha reparado que ela estava a observar-me. Abano a cabeça e digo:

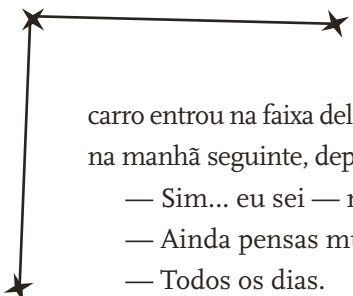
— Não, está tudo bem. É tua. — Ela já me deu muitas coisas que pertenciam ao Sam. Por isso devolvo-lhe esta. Tenho a certeza de que significa muito para ela.

— Obrigada.

Já não falamos dele há algum tempo. Pergunto-me se a Julie está a pensar o mesmo.

— Sabes, já passou quase um ano — relembro-lhe. — Desde que aquilo aconteceu, quero dizer.

O Sam morreu na primavera do último ano do secundário. Foi na noite da fogueira. Quando ia a conduzir para ir ter com a Julie, outro



carro entrou na faixa dele e chocou de frente, antes de fugir. Só soube na manhã seguinte, depois de o encontrarem na berma da estrada.

— Sim... eu sei — murmura ela.

— Ainda pensas muito nele?

— Todos os dias.

— Eu também.

O silêncio instala-se por um momento. Depois, ela pouisa as mãos nos meus ombros e diz:

— E eu sei que ele iria querer que continuássemos a viver as nossas vidas. Tenho a certeza de que ficaria feliz por saber que somos amigos. E eu ir embora não vai mudar isso.

Não digo nada. Embora eu e a Julie nos conheçamos desde o 10.º ano, só nos tornámos amigos nos últimos meses. É curioso como o luto partilhado pode aproximar as pessoas. Eu sei que ela vai voltar no final do verão. Mas, depois, a Julie vai ser transferida para a Reed College, no outono. Recebeu a carta de aceitação há umas semanas. O seu plano sempre foi sair de Ellensburg. Um plano que em tempos incluía o Sam.

— Estava a pensar ir visitá-lo mais logo — afirmo. — Levar-lhe umas flores ou assim. Se quiseres vir comigo. Podíamos comer qualquer coisa pelo caminho.

— Sabes que adorava ir — responde ela, apertando-me a mão. — Mas ainda tenho muita coisa para arrumar. E devia passar algum tempo com a minha mãe antes de ir.

Franzo o sobrolho.

— Então vou sozinho.

— Não fiques triste — diz ela. — Vai correr tudo bem, está bem? Quatro meses não é assim tanto tempo, se pensares bem. E vamos fazer videochamadas todos os dias.

— Pronto, vou parar de te fazer sentir culpada.

— Ainda bem. Porque o meu voo não é reembolsável. Talvez ainda te veja antes de partir?



— Se eu conseguir acordar a tempo.

A Julie sorri. De seguida, olha para o relógio. Há uma pilha de roupa em cima da cama que ainda precisa de ser dobrada.

— É melhor continuar a fazer as malas — diz ela.

— Não precisas de ajuda?

— Acho que já fizeste o suficiente por hoje, Oliver.

— Parece o meu sinal para ir embora.

Dou-lhe um abraço de despedida e saio. Sinto um pouco de frio enquanto atravesso a cidade. Normalmente, nestes passeios solitários, ouço a minha playlist de *sadboy*. Mas deixei os headphones no dormitório. O meu novo colega de quarto deve estar lá agora, a ouvir música country aos berros.

Tiro o telemóvel do bolso e envio uma mensagem.

A julie vai-se embora amanhã

O que é que eu faço sem nenhum de vocês?

Traz-me algum conforto ver o nome dele no ecrã: *Sam Obayashi*. Mesmo que ele tenha partido, ainda lhe envio mensagens de vez em quando. Talvez até mais vezes do que gostaria de admitir. Faz-me sentir que ainda estamos ligados. Como se ele ainda aqui estivesse. Afinal, partiu de forma tão repentina, e eu nunca tive a oportunidade de me despedir. Apesar de não ter planeado continuar a enviar-lhe mensagens durante tanto tempo. Talvez esta seja a minha forma de o manter vivo. Gosto de imaginar que ele as recebe, num universo alternativo ou algo assim.



Não comi grande coisa hoje. A minha pastelaria preferida fica a umas ruas daqui. Está aberta há uma eternidade, e tem uns croissants de amêndoa que costumo oferecer a mim próprio sempre que chumbo num exame. Todos os meus bolos de aniversário, em miúdo, vieram de lá. Infelizmente, o sítio vai fechar em breve. Têm tido dificuldades em competir com a cadeia de supermercados que abriu mesmo do outro lado da rua. Por isso, devia aproveitá-los enquanto ainda posso.

Ao virar a esquina, avisto o toldo às riscas vermelhas e amarelas. Talvez também leve qualquer coisa para a minha mãe. Ela adora os pãezinhos de cardamomo. Mas quando tento abrir a porta, esta está trancada. Encosto o nariz à montra e espreito lá para dentro. Todas as mesas e cadeiras desapareceram. Há um letreiro ao lado da porta:

AGRADECEMOS OS TRINTA ANOS DE SERVIÇO

Mas eu pensei que iam fechar no mês que vem? Nem sequer consegui comer um último croissant de amêndoa. Agora vou ter de arranjar outro sítio para ir. Volto-me e sigo para a cidade. Do outro lado da rua, o letreiro do Sol e Lua pisca. É o café local onde o Sam costumava trabalhar. Tenho-o evitado ultimamente, por razões óbvias. Mesmo passado quase um ano, penso sempre nele quando atravesso aquela porta.

Se fechar os olhos, consigo vê-lo atrás do balcão, à espera de que eu apareça. Eu costumava ficar até à hora de fechar, a cantar para as colunas enquanto ele limpava. Felizmente, hoje o café não está muito cheio. Mas não planeio ficar muito tempo. Apenas compro um muffin de chocolate e volto para a rua.

— *Isso são scones* — corrigia-me sempre.

— *Para mim sabe a muffin.*

Acabo de comer enquanto caminho até à florista da esquina. Às vezes, entro só para olhar para os bouquets que têm em



exposição. Mas hoje estou aqui por um motivo diferente. Escolho algumas rosas brancas e pago no balcão. Elas sempre me lembraram da noite do nosso baile da escola, quando o Sam prendeu a sua flor no meu fato.

— *Eu sabia que iria ficar melhor em ti.*

Não é uma caminhada longa até Memorial Hill. Já estive aqui vezes suficientes para conhecer todos os atalhos. Os postes de ferro perto dos portões de entrada estão erguidos como sentinelas gigantes. Continuo para lá deles e sigo até à campa do Sam.

Como sempre, já há algumas flores aqui. Alguém deve tê-lo visitado recentemente. Tenho a sensação de que foi a Julie. Ajoelho-me, organizando o vaso de pedra e colocando as rosas no centro. Pergunto-me se ele saberia quais são as minhas. *Recordo-me do quanto querias flores. Fico triste por ser esta a razão pela qual as estás finalmente a receber.*

Costumo fazer-lhe companhia em dias bonitos como este, sentado na relva enquanto as nuvens passam devagar. Por vezes, até ponho música no telemóvel. Nunca tivemos o mesmo gosto musical, no entanto. Ele era mais de rock clássico. O Sam e eu costumávamos discutir sobre quem controlava a coluna. Agora sinto falta das músicas que ele punha. Há uma que não me sai da cabeça, mas não me lembro do nome.

Envio-lhe mais uma mensagem.

Não me consigo lembrar do nome daquela música que disseste que gostavas. É daquela banda que tem uma cor no nome. Os Violeta qualquer coisa? Aquela em que a guitarra faz na naa naaa e o tipo meio que resmunga sobre a filha dele ou algo assim

Isto vai incomodar-me durante semanas. Gostava de ter feito uma playlist com todas as músicas favoritas dele, para poder ouvi-las sempre que sentisse a sua falta. Quando comecei a vir aqui, falava com o Sam durante horas. Contava-lhe tudo o que se passava na minha vida. Mas parece que ele já não está aqui. Como se ninguém estivesse a ouvir. Isso não me impede de o visitar, porque acho que ele faria o mesmo por mim.

Observo a colina, vendo as nuvens a formarem-se no céu. O tempo diz que pode chover. Por isso esta visita terá de ser curta. Talvez volte aqui amanhã novamente. Fico mais uns minutos antes de ir para casa.



As coisas estão calmas quando volto para o meu dormitório. O meu colega de quarto deve estar no treino ou qualquer coisa do género. O Ethan joga na equipa de baseball da faculdade. Nós não falamos muito, a não ser quando ele me pergunta onde pus o pó de proteína dele. Mas os pais dele pagaram por uma parede divisória para separar as nossas camas e até instalaram uma cortina no teto para termos mais privacidade. Por isso, não me posso queixar. Ainda por cima, ele provavelmente esperava viver sozinho este semestre.

Inicialmente, o meu plano era morar em casa durante os primeiros anos. Foi o que a Julie fez para poupar algum dinheiro. Mas eu e a minha mãe mudámo-nos para um apartamento de um quarto depois de ela ter deixado o meu padrasto, e o espaço é demasiado pequeno para nós os dois. Pelo menos estou a ter a experiência tradicional de viver no campus, mesmo estando a uma curta distância de casa.

Sento-me à beira da cama e envio outra mensagem ao Sam.



Acabei de chegar ao dormitório

As rosas brancas foram um presente meu btw

Por hábito, percorro todas as mensagens que lhe enviei. Parágrafos e mais parágrafos sem resposta. Sei que isto não pode continuar para sempre, mas há algo reconfortante nisto. Consegui manter tudo em segredo. Nem sequer contei à Julie. Pergunto-me o que ela diria se descobrisse.

— *É hora de o deixar ir, Oliver. O Sam gostaria disso para nós.*

Por vezes, parece que toda a gente já seguiu com a sua vida. Até tiraram a sua fotografia do site da escola. Entretanto, as coisas dele estão espalhadas pelo meu quarto, cobrindo-o como se fossem pegadas. A sua camisa às riscas na cadeira do meu escritório. A nossa fotografia na beira do espelho. Amanhã faz precisamente um ano desde o acidente. Prometi a mim mesmo que as mensagens já teriam parado por esta altura. Que finalmente lhe diria adeus.

Mas não sei se já estou pronto para desistir disto. Depois de pensar melhor, escrevo uma última mensagem. Despeço-me dele como deve ser.

Tenho a certeza de que reparaste que te tenho enviado mais mensagens ultimamente

Talvez já tenhas percebido porquê

É difícil acreditar que já passou um ano desde que morreste. É estranho escrever isto. Ainda não consigo dizer estas palavras em voz alta



Há dias que têm sido mais difíceis do que outros. Escrever estas mensagens ajuda-me a esquecer que não estás cá. Mas começa a parecer que estou a falar comigo mesmo. Que tu já não as estás a ler

Sabes, a Julie não para de me dizer que tu querias que seguíssemos em frente. Tenho a certeza de que ela tem razão. Noutro universo, eu nunca te perdi. Infelizmente não é esse em que estou a viver

Penso em ti a cada segundo

Mas está na hora de te deixar ir

Por isso é provável que esta seja a última mensagem que recebes minha

Por mais que eu não queira dizer isto...

Adeus Sam

Vou ter mais saudades tuas do que possas imaginar



Releio a mensagem antes de carregar em enviar.

Também devia apagar o número dele. Caso contrário, sei que vou acabar por lhe enviar outra mensagem num momento de fraqueza. Abro as informações de contacto do Sam. Quando carrego no botão de apagar, aparece um aviso no ecrã com o nome dele em letras grandes e a negrito:

*Tem a certeza de que quer apagar **Sam Obayashi**?*

O meu dedo hesita sobre o ecrã. De alguma forma, isto é mais difícil do que imaginei. *O Sam já não está cá, relembro-me. É só um número no meu telemóvel. Por isso, apaga-o de uma vez.*

Mas não consigo carregar no botão. Parece que o estou a apagar da minha vida. E não consigo fazer-lhe isso. Por isso, carrego em cancelar.

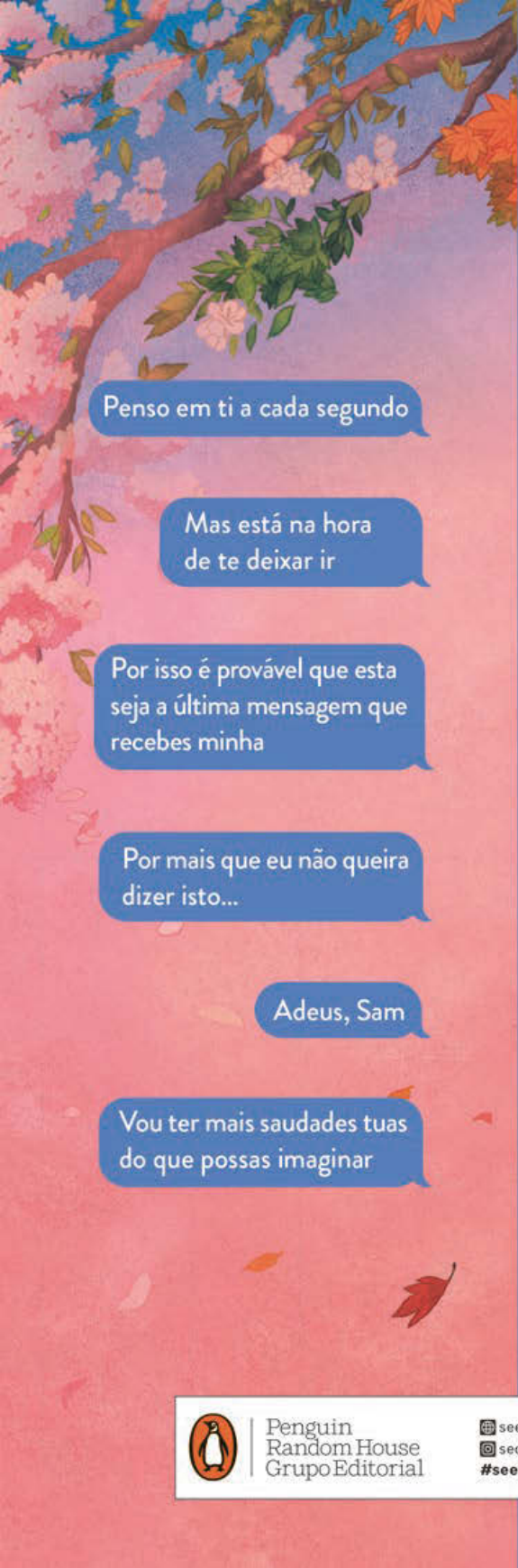
É aí que ouço algo. Um toque vindo do telemóvel. Devo ter ligado para este número sem querer. Provavelmente, devia desligar a chamada. Por alguma razão, deixo que continue. Talvez vá parar ao seu voicemail. Devia deixar-lhe uma mensagem de despedida?

De repente, alguém atende.

— Estou? — diz uma voz masculina.

O tempo para por um instante. Devo ter imaginado isto, certo? Porque não podia ser...

— *Sam?*



Penso em ti a cada segundo

Mas está na hora
de te deixar ir

Por isso é provável que esta
seja a última mensagem que
recebes minha

Por mais que eu não queira
dizer isto...

Adeus, Sam

Vou ter mais saudades tuas
do que possas imaginar

Passou um ano desde que Sam morreu. Mesmo sabendo que não vai ter resposta, Oliver não consegue parar de mandar mensagens para o número do melhor amigo. Até que um dia, acidentalmente, faz uma chamada, e alguém atende.

A voz do outro lado não é a de Sam — o número foi reatribuído e Ben tem lido as mensagens vulneráveis de Oliver há meses.

A química entre eles é inegável e tudo parece perfeito. Até Oliver descobrir algo estranho que pode impedi-los de ficarem juntos...

Terna, sincera e romântica, esta história vai partir-te o coração e depois colar de novo todos os bocadinhos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-809-7



9 789895 838097

